

Adesão ao uso do primeiro par de óculos por estudantes da primeira série do ensino fundamental

Acceptance of initial spectacle prescription for children in their first-year at primary school

Mário Jorge Santos¹, Milton Ruiz Alves², Adamo Lui Netto³, Rodrigo Ribeiro Santos⁴, Giovana Arlene Fioravanti Lui⁴, Tatiana Adarli Fioravanti Lui⁵, Aline Cristina Fioravanti Lui⁴

RESUMO

Objetivos: Avaliar a adesão dos escolares do primeiro ano do ensino fundamental ao uso do primeiro par de óculos e identificar barreiras ao uso da correção óptica. **Métodos.** Foi realizado um estudo transversal descritivo em população de 62 escolares do primeiro ano do ensino fundamental da cidade de Santana do Ipanema (Alagoas) que tiveram a prescrição do primeiro par de óculos durante a realização da Campanha “olho no Olho-2002”. Para a escolha da armação dos óculos utilizou-se um kit composto por armações de três tamanhos (pequeno, médio e grande), um modelo com cor sugestiva para o sexo feminino, um sugestivo para o sexo masculino e outro unissex. Após 3 meses da entrega dos óculos, voltou-se as escolas públicas, em data previamente marcada, quando as crianças responderam a um questionário com questões abertas sobre a melhora ou piora da visão com os óculos, razões do não uso dos óculos, frequência do uso dos óculos, razões de gostar ou não dos óculos, comentários sobre o que os seus colegas de classe e seus pais pensam sobre o uso dos óculos e se tem familiar usuário de óculos. Para o processamento dos dados foi construído um banco de dados com o software Access do Office 2000. As análises estatísticas foram feitas com o programa SPSS 10.0. **Resultados:** A idade, o sexo, ter familiar usuário de óculos e AV sem correção menor do que 1,0 em ambos os olhos, ou AV sem correção 1,0 em pelo menos um dos olhos, não influenciaram na adesão ao uso dos óculos. Os comentários dos colegas de classe sobre o uso de óculos foram principalmente negativos (45,16%), enquanto o dos pais foram principalmente positivos (79,03%). O gostar dos óculos influenciou na adesão ao uso dos óculos. As razões apontadas pelos que não gostaram dos óculos foram dificuldade de ajuste da armação no rosto e preconceito dos colegas de classe. **Conclusão:** A adesão ao primeiro par de óculos tem pouco a ver com a melhora da AV e muito com o mundo social da criança. Os principais fatores relacionados com a adesão parecem ser uma armação de óculos bem adaptada à face e a aprovação pelos colegas estudantes.

Descritores: Aceitação do paciente; Óculos; Criança; Ensino fundamental e médio

¹Professor Auxiliar de ensino de Oftalmologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL - Maceió (AL), Brasil;

²Professor Associado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo – USP - São Paulo (SP), Brasil;

³Professor Assistente da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – FCMSCSP – USP - São Paulo (SP), Brasil;

⁴Estagiário do Departamento de Oftalmologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo - São Paulo (SP), Brasil;

⁵Residente de Oftalmologia do Departamento de Oftalmologia da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo - São Paulo (SP), Brasil.

Instituições: Universidade Federal de Alagoas - UFAL – Maceió (AL), Brasil; Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo - São Paulo (SP), Brasil; Universidade de São Paulo – USP - São Paulo (SP), Brasil.

Os autores declaram inexistir conflitos de interesse.

Recebido para publicação em: 20/10/2010 - Aceito para publicação em 9/4/2011

ABSTRACT

Purpose: To evaluate the acceptance of initial spectacle wear by children in their first year at a public primary school, and to identify barriers in the use of optical correction. **Methods:** A descriptive cross-sectional study was performed. The study group consisted of 62 children in their first year at primary school in the town of Santana do Ipanema (State of Alagoas, Brazil). The children had been referred to ophthalmological examination following visual acuity (VA) screening in “Olho no Olho-2002” (Eye to Eye - 2002), a public health campaign jointly sponsored by the Brazilian Ministry of Health and the Brazilian Ophthalmologic Council. The children chose spectacle frames from a kit containing small, medium and large sizes, in three fashionable designs aimed at girls, boys and a unisex style. Three months after spectacle delivery the children were asked to fill in a questionnaire on: vision improvement or worsening after wearing the spectacles; reasons for and against wearing them; frequency of spectacle wear; reasons for liking or disliking the spectacles; peers, parents and relatives opinion on spectacle wear and how many, if any, relatives/family members wore spectacles. A database for processing the results was built using Access Office 2000 software. Statistical analysis were performed with SPSS 10.0 program. **Results:** Age, sex, spectacle-wearing relatives, uncorrected VA under 1.0 (20/20) in both eyes and uncorrected 1.0 (20/20) VA in at least one eye did not affect acceptance. Comments from peers about spectacles were unfavourable in 45.16% of cases while those from parents were favourable in 79.03%. Enthusiasm for wearing spectacles favoured acceptance. Poor frame to face adjustment and peer disapproval were the main reasons cited for spectacle rejection. **Conclusion:** Vision improvement apparently bears no relation to acceptance. Rather, good frame fit and peer approval seems to be the determinant factors for spectacle wear.

Keywords: Patient compliance; Spectacles; Child; Education, primary and secondary

INTRODUÇÃO

A criança durante o período de desenvolvimento sofre um complexo conjunto de transformações, cuja diretriz é geneticamente determinada e moldada pelo ambiente no qual cresce e se desenvolve. Desta maneira, para que cada indivíduo possa alcançar uma expressão compatível com seu potencial, todas as características deste processo, como crescimento em altura, peso, aprimoramento nos sentidos dependerão de um ambiente favorável⁽¹⁾. A necessidade de correção óptica em crianças está relacionada à importância que a visão tem para o seu desenvolvimento escolar e social⁽¹⁾. Os erros refrativos apresentam-se como causa importante de limitação nas idades pré-escolar e escolar, tendo em vista o processo ensino-aprendizagem^(1,2). É de reconhecida importância a necessidade de detecção precoce desses problemas visuais, o que possibilita sua correção ou minimização, visando ao melhor rendimento da criança⁽²⁾. A importância em se detectar precocemente os erros refrativos se deve a fatores como aspecto sobre o desenvolvimento intelectual e motor da criança e redução de ambliopia⁽³⁾. Poucos tratamentos médicos para crianças são tão “visíveis” como são os óculos. Nos casos em que o seu uso permanente está indicado, em relação à família, a criança os aceita com maior facilidade⁽⁴⁾.

São raros os relatos na literatura sobre a adesão

ao uso de óculos por crianças⁽⁵⁾. Uso inadequado ou pouca adesão ao uso dos óculos pode gerar estresse para a criança e para a família⁽⁴⁾. McGraw et al.⁽⁶⁾ (1989) sugerem que crianças mais jovens são menos influenciáveis por estereótipos adversos que as mais velhas, havendo assim poucos problemas na aceitação dos óculos. Segundo Burns⁽⁷⁾ (1973), a sociedade paga preço alto pelo cuidado inadequado da visão. As consequências da visão deficiente, não tratada, podem gerar ao longo do tempo impedimentos na vida profissional e ocupacional.

O presente estudo foi realizado em uma população de escolares do primeiro ano do ensino fundamental para avaliar a adesão e identificar barreiras ao uso do primeiro par de óculos.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo transversal analítico aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (ISCMSp 290/09). Os professores, no município de Santana do Ipanema, Alagoas, durante a Campanha “Olho no Olho – 2002” por meio de triagem visual realizada em 2.019 crianças matriculadas no 1º ano do ensino fundamental público, encaminharam para avaliação oftálmica 320 (15,85%) escolares. Destes, 79 (3,91%) tiveram a prescrição do primeiro par de óculos. Para a escolha da armação destes óculos (modelo e tamanho), objetivando-

se conseguir adequado ajuste facial e estético, utilizou-se um kit composto por armações de três tamanhos (pequeno, médio e grande), um modelo com cor sugestiva para o sexo feminino, um sugestivo para o sexo masculino e outro unissex.

Após 3 meses da entrega dos óculos, voltou-se as escolas públicas para avaliar a adesão dos escolares ao uso do primeiro par de óculos e identificar barreiras ao seu uso. Em data previamente marcada, as crianças res-

ponderaram a um questionário com questões abertas. Das 79 crianças que tiveram óculos prescritos foi possível entrevistar 62 (78,48%) e estes 62 escolares constituíram a população do estudo.

Foram variáveis do presente estudo: idade, sexo, acuidade visual com e sem correção, percepção de melhor ou pior visão com os óculos, razões do não uso dos óculos, frequência do uso dos óculos, razões de gostar ou não dos óculos, referências sobre os comentários feitos

Tabela 1

Idade e uso do primeiro par de óculos por escolares do primeiro ano do ensino fundamental de escolas públicas, Santana do Ipanema, Alagoas - 2002

Idade (anos)	Em uso dos óculos			
	Sim		Não	
	n	%	n	%
6 a 8	33	53,23	3	4,84
9 a 10	14	22,58	2	3,22
11 e mais	7	11,29	3	4,84
Total	54	87,10	8	12,90

Tabela 2

Acuidade visual e uso do primeiro par de óculos por escolares do primeiro ano do ensino fundamental de escolas públicas, Santana do Ipanema, Alagoas - 2002

	Em uso dos óculos		Sim		Não	
			n	%	n	%
	Acuidade Visual					
Av < 1.0 em AO			41	66,13	4	6,45
Av = 1.0 em pelo menos um olho			13	20,97	4	6,45
Total			54	87,10	8	12,90

Teste exato de Fisher p= 0,198

Tabela 3

Comentários dos escolares sobre o que pensam seus colegas de classe sobre o uso de óculos, Santana do Ipanema, Alagoas - 2002

Comentário	n	%
Indiferente	30	48,39
Positivo	4	6,45
Negativo	28	45,16
Total	62	100,00

Tabela 4

Comentários dos escolares sobre o que pensam seus pais sobre o uso de óculos, Santana do Ipanema, Alagoas - 2002

Comentário	n	%
Indiferente	13	20,97
Positivo	49	79,03
Total	62	100,00

Tabela 5

Gostar dos óculos e uso do primeiro par de óculos por escolares do primeiro ano do ensino fundamental de escolas públicas, Santana do Ipanema, Alagoas - 2002

Gosta dos óculos?	Em uso dos óculos			
	Sim		Não	
	n	%	n	%
Sim	48	77,42	4	6,45
Não	6	9,68	4	5,45
Total	54	87,10	8	12,90

Teste exato de Fisher p=0,019

pelos seus colegas de classe e pais sobre o uso dos óculos e ter familiar usuário de óculos. Para o processamento dos dados foi construído um banco de dados com o *software* Access do Office 2000. As análises estatísticas foram feitas com o programa SPSS 10.0.

RESULTADOS

A influência da idade na adesão ao uso do primeiro par de óculos está na Tabela 1.

Dos 62 alunos examinados, 38 (61,29%) eram do sexo feminino e 24 (38,71%) do sexo masculino. O sexo dos escolares não influenciou na adesão ao uso do primeiro par de óculos (teste exato de Fisher $p=0,136$).

Dos escolares que tiveram a prescrição do primeiro par de óculos, 8 (12,90%) não os utilizavam. As razões apontadas para o não uso, para 6 deles, foram dificuldades na adaptação aos óculos (dor no nariz, óculos pesado, ardência ocular, tontura no uso, óculos sempre caindo) e para os outros 2, vergonha de usá-los. Os demais 54 (87,10%) escolares estavam usando os óculos, 31 (57,41%) esporadicamente e 23 (42,59%) o dia todo.

A influência da acuidade visual em relação ao uso dos óculos está na Tabela 2.

As referências aos comentários dos colegas de classe e dos familiares sobre o uso dos óculos estão nas Tabelas 3 e 4.

Os comentários negativos incluíram as seguintes respostas: “acham a armação de mulher”, “acham feio”, “acham uma carroça nos olhos”, “chamam de quatro olhos”, “chamam de velho(a) ou vovô(ó)”, “botam vários apelidos”, “chamam de deta” (termo depreciativo na gíria escolar local).

O comentário indiferente mais comum foi não falar nada. Os comentários positivos destacam a necessidade de usar os óculos.

Na Tabela 5 analisa-se a influência do gostar dos óculos na adesão ao uso dos óculos.

As razões apontadas pelos escolares que não gostaram dos óculos foram dificuldade de ajuste da armação no rosto (muito pesado, dói no nariz, quando baixa a cabeça os óculos caem) e preconceito dos colegas de classe (acham feio, acham ruim, cor feia, os colegas zombam, sentem vergonha).

Dos escolares, 32 (51,61%) referiram ter algum familiar usuário de óculos e 30 (48,39%) disseram não ter familiar usuário de óculos. Ter familiar usuário de óculos não influenciou na adesão ao uso dos óculos (teste exato de Fisher $p=1,00$).

DISCUSSÃO

Os dados do presente estudo mostram que a idade dos estudantes não influenciou na adesão ao uso dos óculos (Tabela 1). Terry⁽⁵⁾ (1990) estudou a aceitação de óculos por crianças de várias idades, identificando um aumento de comentários positivos de colegas de até 4 anos de idade e aumento de comentários negativos a partir dos 5 anos de idade. A partir dos 5 anos de idade parece haver maior dificuldade na aceitação dos óculos, uma vez que os novos contatos na escola expressam comentários negativos que influenciam a aceitação e o uso, principalmente do primeiro par de óculos.

Analisando-se a influência da AV na adesão ao uso dos óculos (Tabela 2), não houve influência significativa quando a AV sem correção era menor do que 1.0 em ambos os olhos, ou quando um dos olhos tinha AV 1,0 sem correção (teste de Fisher, $p=0,198$). Horwood⁽⁴⁾ (1998) sugeriu que a adesão ao primeiro par de óculos tem pouco a ver com a melhora da AV e muito com o mundo social da criança.

Considerando-se os comentários dos escolares sobre o que pensam seus colegas de classe sobre o uso de óculos, destaca-se que 28 (45,16%) deles referiram receber dos colegas comentários negativos e apenas 4 (6,45%) relataram receber comentários positivos (Tabela 3). Para Horwood⁽⁴⁾ (1998), uma armação de óculos bem adaptada à face e principalmente a aprovação pelos outros estudantes, amigos da classe, parecem ser os principais fatores relacionados com a adesão.

Considerando-se os comentários dos escolares sobre o que pensam seus pais sobre o uso de óculos, destaca-se que 49 (79,03%) referiram receber comentários positivos e os outros 13 (20,97%) comentários indiferentes. Em relação à opinião dos pais quanto ao uso dos óculos pelos filhos, os mitos que envolvem a utilização dos óculos estão relacionados a fatores culturais e emocionais⁽⁴⁾. Os pais acreditam que se insistirem que a criança use os óculos o problema pode desaparecer. Isto corrobora o fato de os comentários positivos ressaltarem principalmente a necessidade do uso dos óculos pelos filhos. “Minha parte estou fazendo, se não usar os óculos e o problema não desaparecer ou piorar, não é por minha culpa.”

O gostar dos óculos influenciou na adesão ao uso dos óculos (Tabela 5). As razões apontadas pelos que não gostaram dos óculos foram inadequado ajuste da armação no rosto e preconceito dos colegas de classe. Este achado corrobora com os de Horwood⁽⁴⁾ (1998) para quem os principais fatores relacionados com a ade-

são parecem ser uma armação de óculos bem adaptada à face e a aprovação pelos colegas estudantes. Óculos odiados ou não usados podem transformar-se em foco de conflito familiar e escolar, tornando o tratamento oftalmológico mais demorado e estressante do que o necessário⁽⁴⁾.

A existência de familiar usuário de óculos não influenciou na adesão do escolar ao uso dos óculos.

Para Castro⁽⁸⁾ (2001) o estado de conservação dos óculos é um fator importante para o seu uso continuado. O período de 3 meses escolhido para a realização deste estudo precisaria ser estendido com o propósito de verificar as condições dos óculos após 6 ou 12 meses de uso.

É inegável que a criança em idade escolar encontra-se sujeita a morbidades e agravos decorrentes de fatores pessoais e ambientais com possível repercussão no aprendizado⁽⁹⁾. Realizar exame oftálmico em uma criança pouco antes, ou logo após sua entrada na escola pode ser o exame ocular mais importante de sua vida, pois simples e fundamentais, esses exames podem significar até mesmo a salvação dos olhos desses escolares⁽¹⁰⁾. Daí a importância de campanhas como a “Olho no Olho”, patrocinada pelo Conselho Brasileiro de Oftalmologia e Ministério da Educação, realizadas para levantar dados para subsidiar programas de saúde ocular que contemplem a conscientização, prevenção, diagnóstico, tratamento, seguimento e manutenção das ações. Ou seja, com os dados atualmente disponíveis torna-se imperativo operacionalizar um Programa Nacional de Saúde Ocular na escola, para que de fato todos os estudantes identificados como portadores de dificuldades visuais sejam submetidos ao exame oftalmológico completo e recebam tratamento antissupressivo e/ou correção óptica e sejam assistidos de forma continuada^(11,12).

REFERÊNCIAS

1. Alves MR, Kara-José N. O olho e a visão: o que fazer pela saúde ocular das nossas crianças. Petrópolis: Vozes; 1996. 160p.
2. Kara-José N, Holzchuh N, Temporini ER. Vícios de refração em escolares da cidade de São Paulo, Brasil. Bol Oficina Sanit Panam. 1984;96(4):326-33.
3. Moore BD. Eye care for infants and young children. Boston: Butterworth-Heinemann; 1997. p. 361.
4. Horwood AM. Compliance with the first time spectacle wear in children under eight years of age. Eye (Lond). 1998;12(Pt 2):173-8.
5. Terry RL. Social and personality effects of visual correctives. J Soc Behav Personality. 1990;5:683-95.
6. McGraw KO, Durm MW, Durnam MR. The relative salience of sex, race, age, and glasses in children's social perception. J Genet Psychol. 1989;150(3):251-67.
7. Burns MJ. Building a priority for national vision health care. Eye Ear Nose Throat Mon. 1973;52(10):353-6.
8. Castro RS. Correção óptica em escolares e condições de uso dos óculos – Campinas (SP) [tese] Campinas: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas; 2001. 135p.
9. World Health Organization. Problems of children of school age (5-9 years): report on a working group. Copenhagen: World Health Organization. Regional Office for Europe; 1976.
10. Alves MR, Kara-José N. Manual de orientação ao professor. Campanha Nacional de Reabilitação Visual Olho no Olho. São Paulo: CBO; 2000. 40p.
11. Giovedi Filho R, Alves MR, Giovedi MRA, Netto AL, Pwa HWT. Características de uma população de escolares anisométropes. Rev Bras Oftalmol. 2003;62(2):103-7.
12. Carvalho RS, Kara-José N. Mutirões. Campanhas comunitárias. In: Kara-José N, Rodrigues MLV. Saúde ocular e prevenção de cegueira. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 2009. p. 265-71.

Endereço para correspondência:

Milton Ruiz Alves

Rua Capote Valente 432 conj. 155

CEP 05409-001- São Paulo (SP), Brasil

Fone: (11) 30688671

e-mail: milton.r.alves@uol.com.br